

As ASSIGNATURAS são de 2\$ por trimestre, 4\$ por semestre e 8\$ por anno para a Côrte e Nictheroy.

O DOMINGO

As RECLAMAÇÕES podem ser remettidas á rua do Principe dos Cajueiros n. 164 sobrado.

Jornal litterario e recreativo

REDACTORA E PROPRIETARIA

D. Violante A. Ximense de Bivar e Vellasco

O DOMINGO

Rio, 8 de Março de 1874.

A educação moral

(Continuação)

Este habito, proficuo, só na juventude pôde conseguir-se, porque o homem moral está todo na primeira idade: portanto é nesta que todo o empenho é pouco para que os educandos o adquiram, e conheçam e avaliem toda a força e necessidade da moral.

Milhares de occasiões se apresentam na vida familiar para desenvolver as disposições da infancia.

Com a idade, em que os primeiros estudos começam, enceta-se tambem a carreira dos deveres.

Em cada dia ha uma tarefa que desempenhar, uma bo giração á cumprir.

Suscitado o sentimento geral dos deveres, em toda a parte acha applicações.

Um menino está em relações immediatas com seus paes, com seus companheiros, com seus preceptores: recebe beneficios d'uns, serviços d'outros, e é alvo das affeições de todos.

Fazem-lhe comprehender quanto reconhecimento e ternura deve a todos, em consequencia dessas relações; mas sobretudo mostrai-lhe com que actos elle deve revelar sua gratidão, e suas affeições, afim de que não se habitue a tomal-as como palavras vazias de sentido e aquelles actos como meras formalidades.

São curiosas de observar as primeiras relações dos meninos com seus camaradas; ali se revelam com igual candura o seu bom coração, ou o seu egoismo,

Ao principio são reservados; mas em breve se entregam á mais affavel familiaridade; desavem-se, disputam,

contendem depois por qualquer bagatella, á menor offensa do seu amor proprio; mas tambem não se demoram em perceberem que lhes é necessario transigir e fazer sacrificios, porque precisam de paz, ou de tregua para seguirem os seus mutuos interesses.

Tambem a principio são pouco generosos, mas são suscetiveis de generosidade.

Naturalmente não se chegam de bom grado ao seu companheiro, que a fortuna ou a natureza infelicitou, que é pobre, ou disforme; mas quando dextramente encamiahados a sentimentos benignos, desenvolvem a compaixão, a sympathia e a generosidade.

O coração humano é um oceano de virtudes; e o coração de um menino é o coração humano com todas as suas riquezas nativas.

O menino não é por natureza modesto. É tímido quando sua intelligencia ainda ignorante encontra em tudo difficuldades, mas não é humilde.

A humildade é uma virtude religiosa e social, que se desenvolve quando o homem entra na sociedade.

A escola é um verdadeiro remedio de amor proprio bem entendido que fallámos da boa escola; a má, alem dos frutos detestaveis que produz, tem o inconveniente de não ensinar os meninos a se conhecerem, nem a se corrigirem.

A boa escola desenvolve os sentimentos de modestia de sociabilidade, de ternura, de gratidão, de benevolencia que são excelsas virtudes.

A má escola exercita uma influencia inteiramente contraria.

As superioridades excitam a inveja, o ciúme, o odio; as distincções mal distribuidas desenvolvem ambição prematura em uns, e infundem damno descoroçoamento em outros.

Uns aprendem a sacrificar tudo ao desejo de brilhar; habituam-se a pavonear-se com desmedido amor proprio; e seu unico cuidado é eclipsar até os seus amigos; outros se afazem á preguiça, ao descontentamento, á malidicencia, á inveja e ao odio.

Isto é incontestavel.

Continúa.

Accusando a recepção dos n. 41, 54 e 55 do *Independente*, organ da muito illustrada cidade de Campos, agradecemos ao intelligente collega as expressões de que se serve a nosso respeito no primeiro dos citatos numeros.

(Depois de transcrever os nossos trabalhos em outras épocas, o delicado collega termina assim o seu bem lançado artigo:)

« A' cerca da eximia litterata limitar-nos-hemos a tran crever aqui o que em correctos versos escreveu D. Beatriz Francisca de Assis Brandão, em uma dedicatória que lhe dirigio; e limitando-nos a tão pouco temos dito muito:

« Na correctá versão nada perdão
« As flores de eloquencia, e da poesia;
« Antes novo perlimne adquirião
« Da tua denta penna. Ah! se en contrão
« Mimosas descripções, vivas imagens
« D'indomitas paixões, erros, virtudes
« Com nuna exatidão reproduzidos.»

« Pensavamos que a distincta litterata Brasileira se havia retirado do mundo litterario, porque desde aquella publicação, ha quatorze annos, não tinhamos noticia d'outros escriptos seus; mas os grandes genios não se podem conter silenciosos.

« Eis que apparece a nova romeira do progresso a enriquecer o jornalismo com o seu bello e interessante periodico—O Domingo,—jornal litterario e recreativo, do qual transcrevemos o artigo que se segue.»

(Segue a transcripção do nosso artigo—A instrucção popular.)

Outro organ da impransa bahiana—4 *Ordem*, de 14 de Fevereiro preterito, tratando de nós diz tambem:

« Da corte fomos mimoseado, pela Exma. Sr.^a D. Violante A. Ximenes de Bivar e Vellasco, com os numeros 9 e 10 do seu importante jornal litterario e recreativo, intitulado *O Domingo*.

« Folgamos em noticiár que no nosso paiz, como este, já são publicados diversos periodicos, manejados por delicadas penhas de babeis senhoras, dos quaes se deprehende o estado de progresso em que vaé trilhando as letras entre nós.

Agradecemos a Exma. Sra. D. Violante a delicada offerta, com a qual muito nos honrou; e acrescentamos-lhe mais—prosiga com fé na senda de sua empresa; porque segundo um escriptor nosso conterraneo.—ter fé é marchar para o futuro—e elle se assoma prazenteiro para a nossa joven patria.

Em recompensa de tão alta delradaeza enviamos-lhe a nossa humild *Ordem*»

Lê-se no *Municipio* da cidade da Victoria, em Pernambuco, no seu n. 39 de 24 de Janeiro:

« Novo JORNAL. — Com o titulo de *Domingo* acaba de apparecer na capital do Imperio, mais um novo jornal que destina-se a pugnar pelos interesses da mulher, do qual é proprietaria a Exma. Sra. D. Violante A. Ximenes de Bivar e Vellasco.

Saudamos ao novo campeão, e desejamos que elle tenha a vida prolixa no escabroso caminho do jornalismo e que sempre veja diante de si esta estrada de flores por onde passara os jornalistas de criterio e de patriotismo.

A' illustrada collega dirigimos nossas felicitações, e em nome das illustres Victorieenses este brado de enthusiasmo:—Avante e sempre!»

Lê-se no *Municipio* de Vassouras no seu n. 38 do 1.^o de Março:

« A Exma. Sra. D. Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Vellasco enviou-nos os primeiros numeros do seu jornal litterario e recreativo *O Domingo*. Saudamos a distincta escriptora, e desejamos um prospero futuro á sua interessante publicação.

LITTERATURA

O vaso de flores

(Continuação do n. 15)

As ruas se tinham ainda uma vez sublevado em montões como no mez de Julho de 1830, como no mez de Julho de 1832; mas desta vez as baricadas erão espias disfarçados com homens, que se reunião á noite áquelles que deviam morrer no outro dia.

N'essa noite de 13 para 14, domingo para segunda feira, ordinariamente tão risonha, silencio lugubre reinava, envolvendo as ruas de um socego sepulcral que parecia que tornava mais negro a obscuridade dos tampeões espedaçados.

Um longinquo rumor de tambores, uma bulha surda de armas alguma coisa de sinistro como a marcha pesada de soldados interrompia só o silencio nocturno, como o vento que agita os cyprastes perturba a tranquillidade de um cemiterio, infundindo mais horror.

Depois de oito horas de soffrimentos horriveis, a Sra. G*** adormeceu.

Adolpho olhou para ella por longo tempo e estremeceu vendo os estragos que essa noite junctos aos soffrimentos anteriores produziram na doente dependendo de um milagre a salvação de sua mãe.

A thísica estava em ultimo grão; levantada a foice para aniquilar, poder algum do mundo poderia desviar o golpe.

— O' minha querida mãe! exclamou o joven artista cobrindo a seus pés, minha santa, meu anjo! fica, fica, não me deixes só, não me abandones!

E as lagrimas reventaram de seus olhos, parecendo que Deus lhe fazia a mercê de morrer com ella. A doente despertou.

— Adolpho, disse ella, o medico ha-de vir, não é?

— Sim, minha mãe, respondeu Adolpho, abafando os seus gemidos. Meu Deus, dou a minha vida para que ella chegue! Mas então, não se pode mais passar por es

ta rua ! disse o moço abrindo com força a porta da officina

Esta peça contigua ao quarto da Sra. G** dava para a rua Beabourg. Adolpho abriu uma janella para ver se vinha alguém. Só vio barricadas e por traz d'ellas soldados com armas em punho, immoveis. Esteve alli por instantes amaldiçoando a guerra civil que lhe tinha feito perder seu pai, quando vio na entrada da rua de Michel-le-Conte um grupo de trez homens que os sentine-las não deixavam passar.

Erão dous dos seus visinhos que acompanhavam o medico,

Estes vendo-o chamaram por elle.

Transportado de prazer, reconhecendo-os, sahe da janella e vai dizer ás mulheres que choravão na escada que fossem buscar o medico e seus guias. Na sua precipitação bate n'um vaso de flores que estava no parapeito da janella ; o vaso cah e quebra-se fazendo barulho. Adolpho não deu por isso.

—O medico ! eis aqui o medico ! grita elle cheio de esperança. Depressa, vão, já chegam.

As mulheres descem, e elle dando louvores a Deus, vai sentar-se á cabeceira de sua mãe

— Coragem, minha mãe ! disse elle, coragem, minha boa mãe ! ali está o medico que vem salvar a Ouve-se então uma descarga que despedaça as janellas da casa ; e depois outra e outra, accumulados como os rancos de trovões ; gritos damnados respondem ; a porta da rua cah e em migalhas, demolida pelos revolucionarios, passos precipitados sobem a escada, gritando :

— Ao terceiro, ao terceiro andar ! Aproximão-se procurando a entrada...

(Continúa)

PARTE RECREATIVA

Quinquilharias

As primeiras meias de seda feitas com agulha que appareceram em França, foram calçadas pelo rei Henri que II no dia do casamento de sua irmã com o duque de Saboia.

Si no seculo XV se aboliu um costume que havia na Escocia. Na noite das nupcias, quando a noiva estava já deitada, apagavam-se as luzes, e atirava o marido ao ar uma das meias ; aquella das raparigas presentes que a apanhava, achava n'isto um presagio de que em breve casaria.

Doas irmãs que tinham uma preta que as servia tinham o dictionario de Moraes, e tinham muita presumpção, ambas ellas, de fallarem bem a lingua materna; a cada minuto era entre as duas uma nova questão sobre se se dizia dizer *intrepete* ou *intepete*, *telegrapho* ou *tilegrapho* e outras questões graves de igual força, que rematavam sempre pelo estrebilho: O' preta traza cá o dictionario de Moraes.

Um domingo que estavam para ouvir missa, uma d'ellas já despida, disse á outra cuja *toilette* começada :—

Avie-se, mana, que já deu onze horas. — O que deu foi onze e meia.—Foi onze.—Foi onze e meia.—Foi onze.—Não foi tal.—Foi tal.—O' meninas diz da cozinha a preta, querem que vá buscar o dictionario de Moraes ?

POESIA

Clotilde

Quando te vejo pensativa e pallida,
E os olhos quedos contemplando o céo,
Sinto minh'alma adorar-te ao longe,
Quizera ler o pensamento teu....

Oh ! tu tão sabes quanto soffro e sinto
Nas longas horas que de ti me ausento...
Si o vento geme abalando as flores
Teu nome escuto murmurar o vento...

Quando no bosque desditosa rola,
Solta em arrulos amorosa endecha ;
Sinto que ouço dos teus labios castos,
Singelas notas de sentidas queixa...

Quando no arroio se debruça o lyrio;
E as niveas pet'las se retratam n'agua,
Sinto que pendes tua virgem fronte
Ao ferreo peso de insana inagua...

Mas, si no prado, enebolando as flores,
Divaga lonca, perfumozza aragem,
Penso, que a brisa são meus labios ternos,
E a flor mimosa, tua linda imagem...

Quando na praia, espumante vaga
Brinca na praia, qual feliz creança ;
Si a vaga vem, vem com ella a calma
Si ella foge, vai com ella a esperança.....

Assim, meu anjo, não te occultes, deixa,
Que eu te contemplo como um id'lo meu !...
Deixa minh'alma te adorar de perto....
Dá-me que eu seja o pensamento teu !...

LELLIS TRIXEIRA.

O Mendigo

(FOLHA SOLTA)

« Donnée ! Il vient un jour où la terre nous laisse
« Vos aumônes là haut vous font une richesse.
VICTOR HUGO.

I

Quando vires o pobre, estender'ta mão
não fujas, não !
sobejam as penas ao pobre mendigo !
affagalh'a a vida, se negas-lh'o pão !..
qu'esmolla descalço, sem ter um abrigo...
às vezes em vão !

Não fujas d'aquelle, qu'à pedir vem,
com desdem !
qu'a sorte varia, qual roda que gira !
nas faces lhe cospem somente os atheos !
qu'a todos bem diz, sem odio, nem ira !..
pel'amor de Deus !

Evita o gatuno qu'as bolsas namóra
quando chóra !
que vaga no mundo, sem eira nem beira,
d'andrajós coberto, fingindo manejo !
lamentos, que solta, são vil ratoeira,
despida de pejo !

II

Quando vires, o pobre estender'ta mão
não fujas, não !
sobejam as penas ao pobre mendigo !
affaga-lh'a vida, se negas-lh'o pão !
qu'esmolla descalço, sem ter um abrigo...
às vezes em vão !

Ao sol requemado .. do di- ao nascer,
ei- o á s ffrer !
amigos ?!.. se teve-os só resta in um cão !
os outros.... se vexam de ver um dos seus
um obolo pedir, á fé do christão
pel'amor de Deos !

Vede-o sentado... as faces sem côr !
imagen. da dôr !
o pão qu'esmolla, seo pranto numedece !
á noute.. no leito, de negra cortina .
qu'os ares bafejam, a briza o aquece !
ou alva neblina !

A fronte, franzida, por l-rgo penar
misera sem par !
do pó dessas ruas, negreja já seja !
descrente da vida... os olhos nos céos...
samente elle pede.. qu'a fé lhe não fuja...
pelo amor de Deos !

Prazeres ?.. se teve-os.. só resta a lição ?
ou tristilluzão !
nos labios, quem vio-lhe jaunais o sorrir ?
o tédio lh'o véda ?! talvez não temor...
á ninguem falla... receia trahir...
sua immensa dor ?!

III

Quando vires o pobre, estender'ta mão
não fujas, não !
sobejam as penas ao pobre mendigo !
affagalh'a vida, se negas-lh'o pão !
qu'esmolla descalço, sem ter um abrigo..
às vezes em vão !
Quem sabe s'a febre minou lh'essa alma ,
hoje calma !
quem sabe, se outróra, sorrio lh'a donzella
gentil, e formosa, no nobre sollar...
brilhante de luz, faisca ou estrella...
de noite a vagar !

Hoje elle vive, pensando na valla !
qu'a todos igualla !
d'ave agoireira, aguarda o piar !
tardio é o poizo !.. seo ultimo abrigo !
por todos ñapl ra, a Deus sem cessar,
o pobre mendigo !

Rio Preto, Fevereiro de 1874.

Maria Leonilda Carneiro de Mendo nça

Epigramma

Ao tribunal da razão
Foi um dia um exquisito,
E disse : " Ando muito afflicto
Por campar de paspalhão,
Como sou tabe lãõ
Quizera de oculos usar."
"Pois use sem se assustar,
Diz a Deusa ao tal casmurro ;
E' muito justo que um burro
De cangalhas possa andar."

(Ert.)

Charadas

Na muzica 1
Na muzica 1
Na muzica 1
Eu fui, tu fôste, elle foi.

De todos que me rodeiam,
A primeira sempre eu sou . . . 1
De agua é o meu todo 1
Nas vogaes tambem estou . . . 1

CONCEITO

Sou vivente
Sou pequenino,
Qual o meu sexo ?
Será femenino ?

A decifração das charadas do numero antecedente é:
a 1ª, Recreio e a 2ª, Elysa.

Typ. rua da Alfandega 185.